



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

DILZA CASSIANO PEREIRA

**O LÚDICO NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DOS PROFESSORES DE
UMA ESCOLA PÚBLICA EM CARINHANHA – BA**

CARINHANHA – BA, 2013

DILZA CASSIANO PEREIRA

**O LÚDICO NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DOS PROFESSORES DE
UMA ESCOLA PÚBLICA EM CARINHANHA – BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Pedagogia pela Faculdade
de Educação – FE da Universidade de
Brasília – UnB.

CARINHANHA – BA, 2013

PEREIRA, Dilza Cassiano. O lúdico na concepção e prática dos professores de uma escola pública em Carinhanha – Bahia. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB. 2013, 59 páginas.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/ UnB-UAB

O LÚDICO NA CONCEPÇÃO E PRÁTICA DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM CARINHANHA – BA

DILZA CASSIANO PEREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade
de Educação – FE, Universidade de Brasília –
UnB.

Comissão Examinadora:

Professora orientadora – Msc. Neuza Maria Deconto
Faculdade de Educação – UnB

Professora Convidada – Dra. Norma Lúcia Nérís de Queiróz
Secretaria de Estado de Educação do DF e Universidade Aberta do Brasil – UAB

Aos meus pais, pela presença e por proporcionar todas as formas de brincadeira e contação de histórias infantis durante a minha infância.

Ao meu tio Milton pelo incentivo e estímulo aos estudos.

AGRADECIMENTOS

“Bom mesmo é ir à luta com determinação, abraçar a vida com paixão, perder com classe e vencer com ousadia, pois o triunfo pertence a quem se atreve...”

(Charles Chaplin)

A Deus, pela força e presença constante em minha vida.

Aos meus filhos e esposo, pela paciência e compreensão em relação aos momentos em que precisei estar ausente. Obrigada por fazer parte da minha vida.

Aos meus queridos pais e irmãos, pelo carinho, apoio e por estarem sempre presentes em todos momentos da minha vida.

As minhas colegas Laíse e Sonia pela amizade e respeito, e solidariedade constante.

À minha querida cunhada e ao cunhado, meu agradecimento especial pela sua prontidão e disponibilidade nas traduções e sugestões valiosas.

Ao meu tio João Pereira Pinto (*in memoriam*), pelo exemplo de força, dedicação e carinho em todos os momentos. Sei que sua luz continuará nos iluminando.

À coordenadora, professores, orientadores e tutores presenciais e a distância pela atenção, disponibilidade, carinho e principalmente pela generosidade em compartilhar todo o seu conhecimento comigo. Também agradeço o apoio do Polo Dona Carmen.

Aos membros efetivos e suplentes da banca examinadora, por aceitarem o convite e trazerem relevantes contribuições.

À minha orientadora Neuza e à tutora Elna pela dedicação e orientação a mim dedicadas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Família	12
Figura 2: Minha infância.	12
Figura 3: Rio São Francisco:	14
Figura 4: Conclusão do estágio.....	16
Figura 5: Escola José Ribeiro.....	16
Figura 6: Horta escolar.	17
Figura 7: Educação ambiental.....	20

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BA	Bahia
FE	Faculdade de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PACTO	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PEHE	Programa Educando com a Horta Escolar
PPP	Projeto Político-Pedagógico
RCNEIs	Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TOPA	Todos Pela Alfabetização
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UnB	Universidade de Brasília

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso tem como foco central a discussão em torno do tema: O lúdico na concepção e prática pedagógica dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental. O objetivo geral foi analisar as principais dificuldades que os professores de uma escola Municipal da rede pública de ensino em Carinhanha - Bahia, enfrentam para incluir o lúdico como recurso pedagógico em sua prática. Participaram desse estudo, dois professores regentes, a coordenadora pedagógica e a vice-diretora da escola. O trabalho de pesquisa de campo para coleta de dados teve como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa usando principalmente os instrumentos da observação sistemática e das entrevistas semiestruturadas. Esses recursos metodológicos permitiram identificar a presença das atividades lúdicas no cotidiano escolar da instituição pesquisada. Para a sustentação teórica da análise, discussão e interpretação dos dados coletados, autores como Freire (1996), Kishimoto (1999), Maranhão (2007), Rau (2007) se fazem presentes. Os principais resultados obtidos nesse estudo apontam que as atividades lúdicas são propostas pedagógicas pontuais na rotina das crianças, pois é dada preferência às atividades consideradas mais escolares, tais como: ler e escrever. Essa concepção sinaliza a necessidade de repensar a postura do educador em sua prática educativa, pois a prática do lúdico na educação é fundamental para a formação de indivíduos capazes de cooperar, liderar, de viver em grupo e participar ativamente do seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Lúdico. Brincar. Brincadeira. Aprendizagem. Desenvolvimento. Habilidades.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
PARTE 1	11
MEMORIAL EDUCATIVO	12
MINHA INFÂNCIA	12
RELEMBRANDO FATOS	14
VIDA PROFISSIONAL	16
CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA	18
O ENSINO SUPERIOR EM MINHA VIDA	18
PARTE 2	22
INTRODUÇÃO	23
CAPÍTULO 1. REFERENCIAL TEÓRICO	25
1.1 O LÚDICO NO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL: BREVES CONSIDERAÇÕES	25
1.2 REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA PRÁTICA EDUCATIVA	27
CAPÍTULO 2. METODOLOGIA	30
2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS	30
2.2 CENÁRIOS E SUJEITOS DA PESQUISA	30
2.3 CONTEXTO DA PESQUISA	31
2.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	33
CAPÍTULO 3 APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS	34
3.1 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO	34
3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	35
3.2.1 Visão das Professoras Regentes	36
3.2.2 Percepções da Coordenadora e Vice-Diretora sobre a Prática do Lúdico para a Aprendizagem	42
3.3 DIÁRIO DE CAMPO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES	43
3.3.1 Observações da Sala de Aula – Turma de Segundo Ano do Ensino Fundamental	43
3.3.2 Observações da Sala de Aula – Turma de Primeiro Ano do Ensino Fundamental	44

3.4 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
PARTE 3	50
PERSPECTIVAS FUTURAS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE – Roteiros para Entrevista.....	56

APRESENTAÇÃO

O presente estudo apresenta uma reflexão sobre o lúdico na concepção e prática dos docentes de uma escola pública no município de Carinhanha – BA, destacando as dificuldades existentes para trabalhar com a ludicidade nessa instituição. Este trabalho pretende contribuir para o debate sobre o lúdico e a sua importância no contexto pedagógico dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O trabalho é ancorado pela discussão teórico-conceitual de alguns estudiosos da temática da ludicidade e do processo de ensino aprendizagem. Para subsidiar este estudo, foi necessário estabelecer um diálogo entre a reflexão teórica e a pesquisa empírica.

O presente trabalho está organizado em três partes, subdividido em quatro capítulos. A parte um apresenta o memorial educativo, os principais trajetos de minha vivência acadêmica e profissional. A parte dois trata do desenvolvimento da monografia como parte integrante de meu trabalho de conclusão de curso (TCC) no Curso de Pedagogia a Distância pela Faculdade de Educação (FE) da Universidade de Brasília (UnB) e pela Universidade Aberta do Brasil (UAB). A segunda parte está subdividida em quatro capítulos, a saber: O capítulo um apresenta a introdução do trabalho. O capítulo dois mostra o Referencial Teórico deste estudo. O capítulo três descreve a metodologia utilizada na coleta dos dados empíricos. O capítulo quatro expõe a discussão, análise e interpretação dos dados coletados em campo. Por fim, as considerações finais deste estudo.

A parte três exprime minhas perspectivas profissionais como educadora no campo da pedagogia.

PARTE 1

MEMORIAL EDUCATIVO

Aqui discorro brevemente sobre minha trajetória pessoal e sobre minha formação educacional e profissional

MINHA INFÂNCIA

“Só desperta paixão de aprender quem tem paixão em ensinar.”

FREIRE

Antes de começar a falar sobre a minha infância, faço um breve relato sobre a história do meu nome. Recebi o nome Dilza em homenagem ao nome do meu irmão Dílson, pois acharam bonito o nome dele e colocaram meu nome parecido, uma vez que ele é o irmão mais velho. O significado do meu nome é: Ninfa das águas. É um nome de origem mitológica.

Depois, vieram outros irmãos e meus pais colocaram os nomes de: Diene, Dilene, Juranir e Dejlene.



Figura 1: Família.
Do acervo da pesquisadora.

Minha infância foi maravilhosa, brincávamos de roda, boneca, balanço, perna de pau, pulávamos corda, entre outras. Tive uma vizinha que ajudava muito minha mãe a cuidar de nós, Ela é uma pessoa maravilhosa, e até hoje é minha amiga. Casei-me e voltamos a ser colegas de trabalho.



Figura 2: Minha infância.
Figura Do acervo da pesquisadora.

Lembro-me dos passeios na casa de minha avó: brincávamos, passeávamos a cavalo, andávamos de carro de boi. A comida dela, era maravilhosa. No momento de servir as refeições minha avó, geralmente esquecia o nome dos meus tios, que são dezoito.

Quando criança eu e meus colegas íamos colher frutas como articum, pitombas, umbu, pinha, genipapo, bananinha, entres outras, que existiam na mata. Na década de 1979, o povoado onde morava não tinha energia. A noite corríamos para pegar vaga-lume para brincar. Jogávamos dominó e baralho com meus pais quando eles tinham tempo.

Quando chovia muito e juntava água nas lagoas, minha mãe ia lavar roupa e nos levava para ajudar a trazer as bacias com as roupas, enquanto ela trabalhava. Nós ficávamos brincando na água e procurando ninho de passarinho. Meu irmão nos ensinou a empinar pipa na beira do barranco do rio, lugar onde ventava bastante, e também nos ensinou andar de bicicleta.

Sempre morei na zona rural de Carinhanha, onde passa um lindo rio, o São Francisco. Minha infância foi muito boa, morava em uma comunidade à margem do rio São Francisco. Lugar lindo, onde aprendi a nadar, pegava água do rio para o consumo da casa, pois na comunidade não tinha água encanada. Também me divertia com a chegada do vapor e lindas lanchas grandes que vendiam cereais e outros utensílios para os comerciantes da comunidade e região.



Figura 3: Rio São Francisco.
Do acervo da pesquisadora.

A cultura do lugar era muito rica em aspectos materiais e imateriais. Na comunidade acontecia a festa de reisado, carnaval, queimada do Judá, corrida de argolinha, festejos católicos de Santo Antônio, São João, São Judas Tadeu, Santa Bárbara, festa com sanfoneiro e música em radiola, candomblé, culto da jurema.

RELEMBRANDO FATOS

Minha memória educativa me faz refletir também sobre o período da escola, os anos iniciais de escolarização. Tudo começou na década 1970, quando iniciei o processo de alfabetização. Um pouco tardio, pois fui à escola com sete anos de idade, numa comunidade rural. A vida escolar na época era muito difícil, não tínhamos nenhum tipo de material didático público, tudo era comprado. Recebíamos a merenda escolar poucas vezes na escola, e quando havia merenda os alunos precisavam levar lenha para cozinhar e os recipientes para colocar a merenda.

Foi muito bom conhecer as primeiras letras, os colegas e a professora, apesar de ela ser uma alfabetizadora leiga, isto porque, naquela década era difícil concluir o ensino médio.

Na hora do recreio eu brincava muito com meus colegas de brincadeiras de roda, jogos, brinquedos e outras, que hoje não existem mais. Essas brincadeiras foram se perdendo ao longo da história com o surgimento de novas posturas e brinquedos eletrônicos.

A educação com o decorrer dos anos foi deixada para segundo plano pelos

órgãos competentes, sobretudo a educação do campo. Os professores da escola que estudava, faltavam muito por falta de transporte. Como eles moravam na cidade e era difícil o acesso à comunidade, poucos queriam trabalhar no local. E por esse motivo ficamos dois anos sem aula, pois nenhum professor queria sair da zona urbana e trabalhar na zona rural.

A escola não possuía diretor, coordenador pedagógico e secretário, porém os momentos culturais promovidos pelos alunos e professores eram maravilhosos. Apesar do contexto de dificuldades, todos conseguiram aos poucos o conhecimento. Pois, como afirma Santos (1988, p. 26), “as ideias que presidem da observação e experimentação são as ideias claras e simples a partir das quais se pode ascender a um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza”.

Estudei nessa escola, até a terceira série do ensino fundamental, mas demorei muitos anos para concluir. Em 1982, mudamos para a cidade de Carinhanha – Ba, para eu estudar. No início dos estudos, em Carinhanha, fui discriminada por ter vindo da zona rural. Não consegui aprovada, para a série seguinte, e voltei para a primeira série do ensino fundamental. Mesmo assim não desisti, continuei a estudar até terminar o ensino fundamental completo. Já na década de 1990, comecei a estudar o ensino médio em uma escola estadual bem organizada, e a educação pública tinha melhorado um pouco.

Fiz o magistério e logo em seguida, o estágio. Foi uma experiência marcante, tive o meu primeiro contato com a sala de aula, que aconteceu em uma turma da primeira série do ensino fundamental na Escola Municipal Antônio Pereira da Silva, em Carinhanha. Era uma turma em fase de alfabetização, os alunos eram atentos, comportados, alegres, participativos e carinhosos comigo.

Os laços afetivos que constituem a interação professor –alunos são necessários á aprendizagem e independem da definição social do papel escolar, ou mesmo um maior abrigo das teorias pedagógicas, tendo como base o coração da interação professor- aluno, isto é os vínculos cotidianos. (AQUINO 1996, p. 50).

Terminado o magistério, retornei à comunidade de origem denominada Distrito de Barra do Parateca para trabalhar como professora contratada na Escola Municipal José Ribeiro no Município de Carinhanha.

VIDA PROFISSIONAL



Figura 4: Conclusão do Estágio.
Do acervo da pesquisadora.

Assim, iniciei minha vida profissional nos anos iniciais. Lecionei dez anos. Foi muito gratificante trabalhar com essas turmas, pois eram crianças humildes e tinham muita vontade de aprender. Porém o espaço da escola não era favorável, pois a instituição só possuía duas salas de aula e quando chovia, as salas ficavam inundadas. Mas o importante era a aprendizagem deles, e todos que trabalhavam na escola se dedicavam para que isso acontecesse.

Nos anos finais do ensino fundamental, também trabalhei com Alfabetização de Jovens e Adultos, por cinco anos, contratada pela Prefeitura Municipal de Carinhanha. No ano 2000 fui aprovada no concurso público para professores nível I.



Figura 5: Escola José Ribeiro.
Do acervo da pesquisadora.

Continuei trabalhando nessa comunidade por treze anos. Essa comunidade foi posteriormente reconhecida como Quilombola pelo Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Depois do reconhecimento, o fundo escola construiu uma escola melhor na comunidade, em forma de oca, espaço mais estruturado e equipado. Trabalhamos a autoestima dos moradores da comunidade, assim como a importância dos negros para a construção de nossa sociedade. Não foi uma tarefa fácil. Quando pedíamos aos alunos para fazerem um trabalho envolvendo colagem, eles só recortavam crianças brancas dizendo que estavam ali representados. Os pais, quando iam matricular seus filhos, não falavam que eram negros. Foi uma luta grande para que os moradores da comunidade compreendessem e se reconhecessem como negros. Os professores também receberam um curso de formação para conhecerem os valores da cultura negra dentro da nossa sociedade de comunidade quilombola. Nessa escola, trabalhávamos com ótimos projetos, tais como: o Educando com a Horta Escolar. Nesse projeto, trabalhávamos questões ambientais, saúde e também disciplina, uma vez que eram os alunos que mantinham a horta.



Figura 6: Horta escolar.
Do acervo da pesquisadora.

Em 2009, saí de Barra do Parateca e fui trabalhar na Escola Municipal José Rodrigues de Brito, no Povoado de Vila São João, que fica a nove quilômetros daquela comunidade. A escola era maior do que a anterior, possuía dez salas, um pátio grande, uma linda quadra e a horta escolar. Possuía 600 estudantes do ensino fundamental e uma extensão do ensino médio com aproximadamente 250 alunos.

Trabalhei na turma do segundo ano dos anos iniciais do ensino

fundamental. Encontrei algumas dificuldades, pois nessa turma tínhamos três alunos especiais que brigavam muito em sala de aula. Eu tentava apaziguar os conflitos, mas essa era uma tarefa muito difícil, porque os referidos alunos não sentiam simpatia um pelo outro. Os outros alunos eram dedicados aos estudos, colaboravam com os colegas, gostavam de fazer trabalho em grupo, eram participativos e criativos. Foi muito bom trabalhar com essa turma, porque aprendi bastante.

Atualmente, exerço a função de vice-diretora nessa escola, e estamos reformulando o Projeto Político-Pedagógico (PPP) e o regimento interno da instituição. Estamos trabalhando com o Projeto Ética e Valores Humanos com o objetivo de aproximar toda a comunidade escolar.

CURSOS DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Durante minha vida profissional, participei de vários cursos de formação, como: curso de capacitação de alfabetizadores do programa AJA BAHIA; Currículo e Diversidade Cultural, na escola remanescente de quilombo em Barra do Parateca; Formação do Projeto Educando com a Horta Escolar como eixo gerador de dinâmica comunitária; educação ambiental e alimentação saudável; seminários de educação Projeto Quilombo; Curso de Agentes Multiplicadores em Educação Ambiental; Conferência Municipal de Saúde; Formação de professores para o município de Carinhanha organizado pela Universidade de Brasília; curso de Formação Pedagógica na disciplina de ciências; Oficina Territorial de Educação do Campo do Velho Chico; Oficina de História; Seminário de Educação Ambiental.

Todos os cursos contribuíram para que desenvolvesse um outro olhar sobre a prática educativa, em particular, para momentos de reflexão do ofício do educador.

O ENSINO SUPERIOR EM MINHA VIDA

Antes de fazer o vestibular participei do cursinho “universidade para todos”, com o objetivo de me preparar para o vestibular, quando terminei, fiz o vestibular. Inscrevi-me para pedagogia e graças a Deus e aos meus esforços, consegui ser aprovada.

Foi um desafio estudar a distância, não sabia ligar o computador, os

monitores do Polo Dona Carmem e meus colegas me ajudaram muito. Consegui aprender um pouco a manusear essa tecnologia, confesso que tinha medo até de ligar a máquina, fui aprendendo ao poucos. Foram momentos de angústia, medo, noites sem dormir estudando textos, fazendo atividades.

Trabalho na zona rural de segunda a sexta-feira, nos turnos matutino e vespertino. Tenho apenas o período da noite para estudar, quando funciona a internet no laboratório da escola. Mas às vezes estou muito cansada e não consigo estudar, e acabo deixando para realizar as atividades nos finais de semana.

Não posso deixar de falar neste memorial da turma de pedagogia, que é bastante animada, já realizamos várias atividades, tais como: oficinas e seminários na faculdade. Conheci colegas maravilhosas e humildes, que moram em outras comunidades e que se tornaram minhas amigas; ficam em minha casa quando têm encontro presencial ou reunião no Polo. Mas, quando elas não vêm sinto muita falta. Passamos momentos de alegria e de tristeza, são companheiras prestativas e amigas.

A nossa história com a UnB proporcionou ricos encontros presenciais com alguns dos professores e suas respectivas disciplinas, explicando, tirando dúvidas de cada conteúdo ministrado, e nos informando sobre a vida acadêmica.

Quanto às disciplinas oferecidas pelo curso de pedagogia, foram ótimas. Os professores e tutores são dedicados e comprometidos com seu trabalho. Lembro-me das primeiras disciplinas e professores e, em particular, da professora de antropologia e educação ambiental, Dra. Rosangela Correa, que com sua pedagogia de ensino nos fez compreender as leituras e o compromisso com as atividades propostas. Levou-nos para Brasília para conhecer a Faculdade de Educação e pontos turísticos da Capital: Catetinho, Museu da Memória Candanga, Esplanada dos Ministérios, Congresso Nacional, Jardim zoológico, Legião da Boa Vontade, Catedral, Ponte JK, Torre de TV, levou-nos também para assistir ao desfile de Sete de Setembro realizado na Esplanada dos Ministérios.

Ela propiciou o trabalho em sala de aula com o estudo da história e da cultura da comunidade local, trabalhando a preservação do ambiente escolar, reciclagem, trabalho de campo, recolhendo o lixo nas margens do Rio São Francisco, e depositando-o na praça central da cidade. O ato foi manifesto de combate à

poluição e também uma lição sobre o destino do lixo.



Figura 7 Educação Ambiental.
Do acervo da pesquisadora.

Educação a Distância [...] não deve ser simplesmente confundida com o instrumental, com tecnologias a que recorre. Deve ser compreendida como uma prática educativa situada e mediatizada, uma modalidade de se fazer educação, de se democratizar o conhecimento. É, portanto, uma alternativa pedagógica que se coloca hoje ao educador que tem uma prática fundamentada em uma racionalidade ética, solidária e comprometida com as mudanças sociais (PRETI, 1996, p. 27).

Estudando Socionomia e Psicodrama aprendi a organizar as aulas usando dinâmicas de grupo, estratégia pedagógica que incentivou os alunos à aprendizagem. Com a disciplina Educando com Necessidades Especiais tive a oportunidade de compreender como trabalhar com alunos especiais em sala de aula. Foi um momento riquíssimo de conhecimento de um universo tão discriminado.

Tivemos também a disciplina Educação e Matemática. Nessa, aprendemos na teoria e na prática como trabalhar o material concreto, dinâmico e lúdico da matemática. Foram ensinamentos que serviram para o dia a dia e para a sala de aula.

A disciplina de Introdução a Classe Hospitalar mostrou a abrangência de atuação do profissional em educação, pois ele pode atuar em escolas, mas também em hospitais ou centros de saúde, desenvolvendo trabalhos pedagógicos, para aquelas crianças em idade escolar que não estão frequentando a escola, por conta de uma enfermidade.

Aprendi a trabalhar com o lúdico, desenvolvendo alguns projetos para a

disciplina Educação Infantil de cinco anos. Os autores que me inspiraram foram Piaget (1964) e Vygotsky (1984). Mostraram a importância de refletir sobre o papel do professor no uso do lúdico como recurso pedagógico.

Com o estágio realizado em uma turma de Educação Infantil, percebi que as crianças eram carentes de atenção, de afeto e desenvolvimento na aprendizagem. Foi o momento em que percebi como a relação aprendizagem e afetividade precisa ser discutida no ambiente escolar.

No estágio com os alunos do quarto ano do ensino fundamental, percebi que algumas intervenções precisavam ser feitas: trabalhar mais com o lúdico como recurso pedagógico para o incentivo à leitura.

O lúdico como recurso pedagógico direcionado às áreas de desenvolvimento e aprendizagem pode ser muito significativo no sentido de encorajar as crianças a tomar consciência dos conhecimentos sociais que são desenvolvidos durante o jogo, os quais podem ser usados para ajudá-las no desenvolvimento de uma compreensão positiva da sociedade e na aquisição de habilidades. (RAU, 2007, p. 85).

Não posso falar de todas as disciplinas do curso de Pedagogia, pois demandaria muito tempo. Mas, o curso somou com os conhecimentos que já possuía, aperfeiçoando-os para continuar minha carreira profissional como pedagoga.

Nessa caminhada acadêmica, passei por alguns obstáculos, perdi um tio muito querido que considerava um pai para mim e outras pessoas queridas. Esses fatos da vida me deixaram triste, mas não desisti de lutar. Escrevi este trabalho superando todas as deficiências que tenho com a escrita, foram longos momentos de escrita e reescrita. Porém, foi uma experiência enriquecedora.

Parte 2

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende contribuir para reflexão sobre as práticas docentes e atividades lúdicas no primeiro e segundo anos do ensino fundamental. Por esta razão, considero importante neste estudo, demonstrar que a utilização de jogos e brincadeiras em sala de aula contribuem para a formação de atitudes educativas, tais como respeito mútuo, cooperação, relação social e interação.

A escolha dessa temática foi pensada a partir das observações no ambiente de trabalho e também das reflexões das leituras realizadas curso de pedagogia UAB/UnB, que evidenciaram que o uso da ludicidade como recurso pedagógico é importante para a aprendizagem dos alunos. Contudo tal prática não é efetiva nas escolas. Esse fato implusionou-me a conhecer de forma mais profunda quais as razões e obstáculos que impedem o professor de realizar as atividades lúdicas em sala de aula.

Enfatizo a importância da implantação de cursos de licenciatura que formem o professor para trabalhar com práticas lúdico-pedagógicas. Essa ação contribuirá para o desenvolvimento e aprendizado não só do professor, mas principalmente do aluno. Pois, com uma formação lúdica, o profissional da educação terá oportunidade de se conhecer, de saber quais são suas potencialidades e limitações, desenvolverá seu senso crítico, terá atitude de pesquisador e, conseqüentemente, possibilitará um ambiente prazeroso de aprendizado para o aluno.

Este estudo tem como objetivo geral analisar as principais dificuldades que os professores que atuam no primeiro e segundo anos do ensino fundamental de uma escola municipal da rede pública de ensino em Carinhanha enfrentam para incluir o lúdico como recurso pedagógico em sua prática. Assim, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- ✓ Descrever as formas de participação dos alunos nas atividades pedagógicas propostas pelos professores;
- ✓ Verificar como as estratégias lúdico-pedagógicas são planejadas e realizadas pelos professores que atuam no primeiro e segundo anos do

ensino fundamental;

- ✓ Analisar a prática pedagógica em relação à ludicidade.

Acredito que este estudo contribuirá para a compreensão de que o lúdico é uma necessidade humana e não deve ser utilizado como uma diversão ou passatempo. Mas, sim, como um recurso pedagógico fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

O presente estudo que irá compor meu TCC está organizado em quatro capítulos: o primeiro capítulo, com a introdução; o segundo contendo o referencial teórico; o terceiro capítulo versa sobre o percurso metodológico da pesquisa; o quarto capítulo apresenta a análise, discussão e interpretação dos dados coletados em campo e, ainda, as considerações finais.

CAPÍTULO 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta os principais conceitos teóricos para o desenvolvimento desta pesquisa, que consiste em uma abordagem do lúdico entendido como recurso pedagógico que tem o objetivo de propiciar uma interação harmoniosa na prática educativa, possibilitando novas formas de ensino-aprendizagem.

1.1 O LÚDICO NO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL: BREVES CONSIDERAÇÕES

O lúdico tem sua origem na palavra latina *ludus* e quer dizer jogos e brincar. Neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e brincadeiras (SALOMÃO; MARTINI; JORDÃO, 2007). Kishimoto (1999, p. 15), situa o lúdico no tempo, afirmando:

Tradicionalmente a universalidade dos jogos assenta-se no fato de que os povos distintos e antigos como os da Grécia e Oriente brincaram de amarelinha, de empinar papagaios, jogar pedrinhas e até hoje as crianças o fazem quase da mesma forma. Esses jogos foram transmitidos de geração para geração através de conhecimentos empíricos e permanecem na memória infantil.

Isso significa dizer que o nosso repertório infantil de brincadeiras foi originalmente construído e perpetuado por crianças portuguesas, negras e índias. Um exemplo do legado dos índios são as brincadeiras de cama de gato e a peteca, brincadeiras que até hoje provocam entusiasmo nas crianças. Observa-se portanto, que a reconstrução histórica dos brinquedos, brincadeiras e jogos, torna-se um importante instrumento pedagógico do resgate da própria cultura de nosso país.

Rosamilha (1979), ao realizar um estudo histórico sobre o lúdico buscando compreender as suas influências nas práticas educativas da atualidade, revela que identificou referências ao lúdico na Bíblia e no cristianismo primitivo. Entretanto, essas citações aparecem de forma negativa, como podemos verificar neste trecho: “a recreação deve ser proibida em todas as suas formas... as crianças deverão aprender que a recreação afastará de Deus o eterno bem, seu coração e mente, e fará senão mal à sua vida espiritual” (MASTON, 1966 *apud* ROSAMILHA, 1979, p. 10). Essa visão também aparece nos escritos de Santo Agostinho quando descreve sobre sua infância, em especial, sobre o amor pelos brinquedos, lamentando afastar-se dessa

paixão. Pois, para ele a aprendizagem estava associada à disciplina.

Esses dados mostram que durante um período da história o lúdico não era compatível com o aprendizado escolar. Sendo, portanto, uma manifestação reprimida nas instituições escolares. Brougère (1999), expõe que até o século XIX o brincar estava relacionado a uma atividade improdutiva e fútil.

Contudo, nos últimos anos essa concepção modificou-se, pois têm crescido os estudos sobre os jogos e brincadeiras que comprovam a importância deles para o desenvolvimento infantil, tais como Mukhina (1995), Kishimoto (2008), Tardif (2002), dentre outros.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) corrobora com essa concepção e assinala:

O jogo tornou-se objeto de interesse dos psicólogos, educadores e pesquisadores como decorrência da sua importância para a criança e da idéia de que é uma prática que auxilia o desenvolvimento infantil, a construção ou potencialização de conhecimentos (BRASIL, 1998, p. 210).

Cardia (2011), ao analisar o termo “ludicamente” afirma que os profissionais da educação o relacionam ao “prazerosamente”, e não ao “livremente”. A autora esclarece que o prazer é decorrência de uma atitude livre do brincar, que proporciona às crianças vivências diversas, que estimulam a linguagem, o desenvolvimento cognitivo, social e moral.

Complementando essa reflexão, Piaget (1998) afirma que a ação lúdica é o berço das atividades intelectuais da criança, sendo deste modo, imprescindível à prática educativa. A ludicidade é uma necessidade do ser humano em todas as faixas etárias e não pode ser percebida como diversão (SANTOS, 1997). Nesse sentido, cabe à escola desenvolver atividades lúdicas que considerem cada etapa de desenvolvimento do sujeito, observando a metodologia de organização e o procedimento de aplicação.

A esse respeito, Almeida e Shigunov (2000) expõem que o brincar é uma característica inerente do ser humano e precisa ser compreendido como elemento central para o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e moral de todo sujeito.

1.2 REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA PRÁTICA EDUCATIVA

No âmbito da práxis educativa, o entendimento do jogo como recurso pedagógico possibilita a percepção de que se a escola tem objetivos a atingir e se o aluno busca a construção de seu conhecimento qualquer atividade dirigida e orientada possui finalidades pedagógicas, como o significado das experiências lúdicas vivenciadas por crianças e alunos nos primeiros anos escolares. Essas experiências podem na formação lúdica proporcionar às crianças conhecer-se como pessoa, reconhecer suas potencialidades e limites, lidar com seus obstáculos e desafios. Segundo Piaget (*apud* Kishimoto 1999, p. 59), “quando brinca, a criança assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui”.

Nesse caminho, Maranhão (2007) assevera que com a brincadeira a criança se apropria de conhecimentos que possibilitarão sua ação sobre o meio em que se encontra. Os estudos de Santos (1997, p.30) reforçam essa ideia, ao dizer que, [...]

[...] a formação lúdica se assenta em pressupostos que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, a nutrição da alma, proporcionando aos futuros educadores vivências lúdicas, experiências corporais, que se utilizam da ação, do pensamento e da linguagem, tendo no jogo sua fonte dinamizadora.

Portanto, é necessário que o adulto vivencie a sua ludicidade para trabalhar com crianças. Desse ponto de vista, é essencial que o educador compreenda qual o papel dele no momento das atividades lúdicas. Deste modo, cabe ao educador buscar meios, ou seja, recursos metodológicos para melhor adaptá-los às exigências das novas situações educativas.

Rau (2007, p. 21) sistematiza os elementos que podem subsidiar o educador no uso do lúdico:

os elementos que podem auxiliar o professor a apropriar-se do jogo enquanto prática pedagógica:

- conhecimento teórico sobre o lúdico;
- observação do aluno em situações lúdicas;
- escolha de brinquedos e objetos culturais adequados;
- definição de objetivos;
- organização do ambiente lúdico de modo a que favoreça as interações criança/criança e criança/objetos.

O autor elenca aspectos que precisam considerados na prática educativa

quando decidimos utilizar o lúdico em sala de aula. Outro aspecto é a postura de envolvimento do educador com esse trabalho. Essa atitude inclui a organização do espaço físico, a flexibilização do planejamento e um olhar mais atencioso para as necessidades das crianças.

Nessa perspectiva, temos de considerar as proposições práticas do lúdico como recurso pedagógico, ou seja, deve existir a preocupação com a escolha das atividades, principalmente com o que o jogo pode proporcionar na intervenção do processo ensino-aprendizagem, e não apenas com o tipo de jogo. Assim, devemos fazer o exercício de analisar as possibilidades de intervenção a partir dos anseios dos alunos.

Chatêau (2002) analisa as possibilidades de intervenção sobre o jogo e o ato de brincar,

Supúnhamos que, de repente, nossas crianças parem de brincar, que os pátios de nossas escolas fiquem silenciosos, que não sejamos mais distraídos pelos gritos ou choros que vem do jardim ou do pátio, que não tivéssemos mais perto de nós este mundo infantil que faz a nossa alegria e o nosso tormento, mas um momento triste de. Pigmeus que poderiam crescer, mas que conservariam por toda a sua existência a mentalidade de pigmeus, de seres primitivos. Pois, é perto jogo pela brincadeira que crescem a alma e a inteligência. É pela tranquilidade, pelo silêncio – pelos quais às vezes os pais se alegram erroneamente – que se enunciam frequentemente no bebê as graves deficiências mentais. Uma criança que não sabe brincar, uma miniatura de velho, será um adulto que não saberá pensar. (Op.cit. p. 14)

O autor expõe de forma clara que a infância não pode ser vivenciada sem seus risos e brincadeiras. Pois o ato de brincar consiste em uma experiência enriquecedora não apenas para a socialização da criança, mas também para a construção delas como sujeitos históricos.

O art. 29 da Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei Diretrizes e Bases da Educação – LDB) expõe que a educação infantil tem por finalidade “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996).

Percebemos a importância dessa primeira etapa na formação da criança, sendo a educação infantil, o primeiro passo para a constituição do sujeito. Esse alicerce deve ser bem planejado e articulado, e nesse sentido, que o trabalho com o

lúdico nas séries iniciais do ensino fundamental deve continuar, valorizando o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças.

Benjamim (2005) mostra que um dos aspectos importantes no desenvolvimento do sujeito é a atividade criativa. Pois ser criativo também significa planejar aquilo que queremos que aconteça. Para o autor, as atividades lúdicas têm como objetivo melhorar o desenvolvimento no ensino-aprendizagem dos alunos de maneira prazerosa e eficaz, resgatando valores culturais e dando ênfase às particularidades do universo infantil, dentro do seu processo de construção educacional.

As atividades lúdicas – os jogos – permitem liberdade de ação, naturalmente e, conseqüentemente, o prazer; característica que raramente é encontrada em escolas. Por isso, as atividades lúdicas necessitam ser estudadas por professores, para um uso pedagógico adequado e direcionado ao desenvolvimento integral do aluno.

O espaço educativo também precisa promover atividades que alegrem a criança e despertem nela o desejo de aprender. Portanto, as atividades aplicadas em sala de aula devem ser criativas e recreativas.

CAPÍTULO 2 METODOLOGIA

Este estudo tem como princípio metodológico a pesquisa qualitativa. Entende-se que a pesquisa qualitativa pode ser definida como basicamente aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade.

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Para Macedo (2009), a pesquisa é um campo da práxis social, e como tal, deve satisfazer à sua comunidade e à sociedade com a qual ela se compromete em termos de qualidade e responsabilidade, carregando todas as insuficiências, todos os inacabamentos e conflitos que se espera em qualquer prática humana. Busca, portanto, olhar e compreender o fenômeno a partir dos próprios dados da população que está sendo pesquisada.

Os participantes da pesquisa podem direcionar os rumos dela em suas interações com o pesquisador, seja por meio de quaisquer técnicas de coleta de dados que opte. Por sua vez, o pesquisador deve observar o rigor metodológico da mesma maneira que em qualquer outra modalidade de pesquisa científica, porque é mais participativa, e assim, menos controlável.

Nesse caso, Lüdke e André (1986, p. 26), afirma que:

Sendo o principal instrumento de investigação, o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenômeno estudado. A introspecção e a reflexão pessoal tem papel importante na pesquisa naturalística. A observação direta permite que o observador chegue mais perto da 'perspectiva do sujeito', um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar compreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações.

Nesse sentido, além do necessário rigor com as técnicas de coleta de dados, o pesquisador deve estar atento aos movimentos dos participantes no contexto da pesquisa, trabalhando na perspectiva de processo de interatividade.

2.2 CENÁRIOS E SUJEITOS DA PESQUISA

Os participantes deste estudo foram duas professoras que atuam no

primeiro e segundo anos do ensino fundamental. As professoras entrevistadas foram aqui classificados como professora A e B, e possuem nível superior completo em diferentes áreas de formação. Também foi entrevistada a coordenadora pedagógica e a vice-diretora. A escolha do grupo que integra a presente investigação adotou os seguintes critérios: atuação em turmas dos anos iniciais e disponibilidade para participar da pesquisa.

A professora “A” fez licenciatura em pedagogia e possui doze anos de experiência na docência, atua com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental.

A professora “B” é formada em magistério, e está cursando pedagogia, possui dez anos de trabalho nos anos iniciais do ensino fundamental.

A coordenadora, entrevistada “C”, possui 12 anos de exercício na educação, é formada em pedagogia e geografia e pós-graduada em educação ambiental. A vice diretora “D” é graduanda em pedagogia, possui 14 anos de experiência na docência e esse é o primeiro ano na vice-direção escolar.

2.3 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal José Rodrigues de Brito, localizada em um assentamento rural denominado Vila São João, a 42 km da cidade de Carinhanha – BA. Esse povoado era uma reserva florestal dos colonos da agrovila 15 e está inserido no Projeto Especial de Colonização e Reforma Agrária de Serra do Ramalho, que foi implantado na década de 1970, com o objetivo, a princípio, de abrigar os desalojados da Barragem de Sobradinho no Estado da Bahia.

Foram construídas 23 agrovilas entre a cidade de Bom Jesus da Lapa e Carinhanha – BA. Eram assentamentos com casas e lotes rurais, divididas pelo Instituto Nacional de Colonização da Reforma Agrária (Incra) em quatro áreas: eixo um, dois, três e quatro. Cada agrovila tinha direito a cinco hectares de terras como reserva florestal. A área que seria destinada à reserva florestal de uma das agrovilas, é exatamente onde hoje está localizada esta comunidade, atualmente pertencente ao município de Carinhanha.

Segundo relatos do presidente da Associação dos Pequenos Produtores Rurais da comunidade de Vila São João do município de Carinhanha, alguns moradores desse povoado receberam irrisória indenização pelos lotes que ocupavam.

A maioria não recebeu nenhum pagamento pelas terras, alguns foram embora para outros estados, voltando mais tarde, e invadindo as terras que antes eram deles. No ano de 1985, foi realizada uma reunião com os trabalhadores sem-terra da comunidade, juntamente com os funcionários do Incra, que informaram a intenção de remover os posseiros das terras desapropriadas próximas das agrovilas, sob a alegação de que seriam transformadas em reserva florestal aos colonos das agrovilas.

Tal afirmação vem reforçar a ideia de que os verdadeiros donos da terra, ou seja, os habitantes dessa região, sempre trabalharam nessas terras. No entanto, essa população foi tratada como invasora de terras.

Esse contexto esclarece porque os moradores do povoado não possuem títulos de terras, sendo, portanto, uma área de moradia irregular. Mesmo assim, os moradores participam de uma associação que lhes concede o direito de usufruir a terra com projetos destinados à agricultura familiar e outros benefícios.

A economia é baseada na agricultura de subsistência, criação de gado de corte e de leite, caprinos, ovinos, suínos, aves e a exploração indiscriminada do carvão vegetal. Esses são meios de sobrevivência. Há também pequenos comerciantes no local.

Além dessas alternativas de sobrevivência, há também a renda baseada em recursos de programas sociais, aposentadorias, pensionistas e assalariados. Com o surgimento da comunidade e a migração de pessoas para o local, houve a necessidade de criação de uma escola, no intuito de atender à demanda dos filhos dos pequenos produtores assentados. Assim, em 9 de outubro de 1988 foi inaugurada a Escola Municipal José Rodrigues de Brito.

Atualmente a escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno. Possui dez salas, uma quadra esportiva, uma biblioteca, um laboratório de informática com internet e 23 computadores para uso dos professores e alunos e uma sala multifuncional para alunos com necessidades especiais. Há também uma horta escolar com vários canteiros plantados, que são acompanhados pelos alunos. A instituição atende 600 alunos. O número de alunos por turma varia de 20 a 35 alunos.

No ano de 2012, a escola foi constituída com uma diretora, duas vice-diretoras, duas coordenadoras, 23 professores, dez auxiliares escolares. Ofereceu as

modalidades de ensino Educação Infantil, Ensino Fundamental de Nove Anos, Ensino Fundamental de Oito Anos, Educação de Jovens e Adultos e o Ensino Médio como extensão do Colégio Estadual Coronel João Duque.

A instituição também possui os programas Todos pela Alfabetização (TOPA), Mais Educação, Programa Educando com a Horta Escolar (PEHE) e o Pró-Jovem. O Programa Pró-Jovem se constitui como atividade complementar e tem como foco realizar atividades com temas sobre cultura, meio ambiente, novas tecnologias e música para os jovens adolescentes.

2.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Para desenvolver este estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas, observação participante nas salas de aula das professoras do primeiro e segundo anos do ensino fundamental e análise documental do PPP da escola.

Para a realização das entrevistas foi elaborado previamente um roteiro com perguntas abertas. As entrevistas foram realizadas com duas professoras – uma do primeiro ano, e outra do segundo ano do ensino fundamental –, uma coordenadora pedagógica e a vice-diretora da escola. As entrevistas se deram através do diálogo. As entrevistas não foram gravadas, mas, sim, registradas no caderno de campo.

O procedimento escolhido para a observação em sala de aula foi a observação participante. Segundo Lüdke e André (1986, p. 3), esse tipo de observação “permite um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno investigado”, possibilitando, assim, desvendar aspectos novos de um problema.

A análise documental foi necessária para conhecer as bases educacionais e a concepção da escola pesquisada sobre o papel da ludicidade no desenvolvimento cognitivo, social e emocional do aluno. Nessa análise, selecionamos o Projeto Político-Pedagógico como instrumento de apreciação, para verificar como estava organizado o currículo; a integração entre escola e comunidade; a avaliação de resultados e medidas assumidas para melhorar a aprendizagem dos alunos; a concepção de lúdico e as atividades lúdicas propostas pela instituição

CAPÍTULO 3 APRESENTAÇÃO, DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DE RESULTADOS

Neste capítulo, discutiremos a apresentação e a interpretação dos resultados das entrevistas, iniciando com a análise do projeto político-pedagógico.

3.1 ANÁLISE DO PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO

O projeto político-pedagógico da escola é um instrumento primordial na orientação das ações políticas e pedagógicas da instituição. Sua construção envolve a comunidade escolar, amparada legalmente pelo artigo 3.º da Lei de Diretrizes e Bases n.º 9394/96, no sentido de trazer as diversas concepções e perspectivas para o desenvolvimento educacional. Assim, o PPP representa a filosofia da escola e o que se pretende enquanto eixo norteador.

Para Veiga (2002, p.14), [...]

[...] o projeto político pedagógico tem a ver com a organização do trabalho em dois níveis: como organização da escola como um todo e como organização da sala de aula, incluindo sua relação com o contexto social imediato, procurando preservar a visão de totalidade. Nesta caminhada será importante ressaltar que o projeto político-pedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola na sua globalidade.

Notamos, assim, que o PPP é um documento construído na coletividade e para a coletividade, ou seja, no seu texto aparecem os valores que se busca definir o contexto nas relações sociais da organização escolar por meio de uma práxis educativa que relacione os sujeitos educativos em sua totalidade.

Na análise do PPP, procuramos conhecer como o lúdico está inserido nas propostas teóricas e metodológicas da escola pesquisada. Em relação aos elementos teóricos, não observamos nenhum tratamento do tema no referencial teórico do projeto. Os autores citados no projeto não discutem a temática lúdica e/ou apresentam alguma proposição para inserção dessa metodologia nas ações pedagógicas dos professores.

Quanto às ações metodológicas, o lúdico aparece timidamente em algumas ações propostas para os anos iniciais. Mas, infelizmente, além de praticamente não ter nenhuma ação voltada para o trabalho com o lúdico em sala de aula dentro do

PPP, a maioria dos professores não trabalham com o lúdico em sala de aula, talvez por não terem recebido nenhuma formação na área ou porque consideram complexo trabalhar dessa maneira, e outros, ainda, porque acham que a atividade ocupa muito tempo de suas aulas, apesar de reconhecerem a importância do lúdico como recurso metodológico, insistem em ignorá-lo como recurso pedagógico.

O lúdico como recurso de apoio ao ensino deve ser pensado de maneira coletiva, estando intercalado em toda proposta educativa da escola. Segundo Rau (2007, p. 85), [...]

[...] o lúdico como recurso pedagógico direcionado às áreas de desenvolvimento e aprendizagem pode ser muito significativo no sentido de encorajar as crianças a tomar consciência dos conhecimentos sociais que são desenvolvidos durante o jogo, os quais podem ser usados para ajudá-las no desenvolvimento de uma compreensão positiva da sociedade e na aquisição de habilidades.

A ludicidade precisa ser vista como algo imprescindível à necessidade do ser humano, porque facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. Além disso, percebemos que as questões lúdicas na escola precisam ser mais trabalhadas. Sua inserção na proposta pedagógica da escola é elemento primordial para fazer parte das ações metodológicas dos professores.

Outra questão observada na pesquisa é o distanciamento dos professores daquilo que propõe o Projeto Pedagógico e as ações realizadas no cotidiano escolar. Muitas vezes, o professor não participa da construção do PPP, não estabelece, portanto, uma identidade com a proposta pedagógica da instituição. Tal fato traz como consequência imediata ações pedagógicas fragmentadas e descontextualizadas.

Na análise documental do PPP da instituição pesquisada, notamos que esse documento foi pouco utilizado pelos professores como referencial e enriquecimento teórico e prático. Tal dado foi corroborado pelo desconhecimento do documento por parte dos professores.

3.2 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Analisaremos, a seguir, a visão das entrevistadas no tocante ao aspecto lúdico como instrumento de aprendizagem.

3.2.1 Visão das Professoras Regentes

Categoria 1: As concepções das professoras sobre o ensinar e o aprender – o desenvolvimento da aprendizagem envolve muitas facetas políticas e pedagógicas, determinantes no processo de ensinar e aprender. Nesse sentido, a ação metodológica dos professores diante das múltiplas culturas presentes na classe irá determinar o sucesso ou insucesso do aluno. O lúdico como recurso pedagógico aparece como importante elemento capaz de envolver os conteúdos como instrumentos de mediação entre o prazer e aprendizagem.

Nessa perspectiva, buscamos conhecer os significados dados pelas professoras sobre o processo de ensinar e aprender. Os relatos das professoras evidenciaram concepções distintas a respeito do tema:

A: Ensinar não é medir conhecimento, é proporcionar meios para que os alunos possam adquirir conhecimentos e vivenciá-los. [...] É necessário trabalhar com bastantes jogos, dar bastante ênfase ao lúdico, buscar meios a fim de que a criança aprenda brincando porque dessa forma se tem maior motivação para aprender. E proporcionar também à criança o convívio com textos diversos e variados gêneros para que a criança se alfabetize, letrando. Já que é muito mais prazeroso aprender, brincando. Com o lúdico a criança se interage melhor com a turma e, com isso, se torna mais feliz.

B: Ensinar é passar tarefa no quadro para o aluno aprender escrever e ler. Os livros que eles possuem é o suficiente para atividades de leitura, já a parte de escrita, passo atividade no quadro, trabalho com bastantes atividades mimeografadas e mando tarefa para casa para complementar o que viram em sala aula

Os significados apresentados pelos sujeitos sobre o ato de ensinar são distintos, já que a primeira busca trabalhar uma pedagogia mais libertadora, incluindo em suas aulas atividades lúdicas; quanto à segunda, faz uso do método tradicional, com elementos pedagógicos que se limitam ao quadro de giz e à escrita mecânica no caderno. Vale lembrar que prática de ensinar [...]

[...] não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 1996, p. 38).

Percebemos, assim, que o ato de ensinar é muito mais que instruir a ler e escrever. É produção de instrumentos, para que os sujeitos criem suas próprias questões no mundo em que atuam. Pois as habilidades de indagar, criticar e analisar,

no mundo moderno, são imprescindíveis para o desenvolvimento do cidadão e devem ser cultivadas e desenvolvidas por qualquer pessoa, em qualquer idade. Nessa perspectiva, ensinar significa propiciar ao educando buscar seu próprio conhecimento.

Quando a professora “B” foi questionada sobre a contribuição do lúdico para o processo ensino aprendizagem, respondeu: “Um pouco. Por que é muito bom aprender. Mas não estou preparada para ficar brincando com os alunos, pois tenho dificuldade, prefiro não trabalhar usando o lúdico” (Depoimento da professora “B”).

O relato da professora evidencia um aspecto que merece ser analisado cuidadosamente: a formação do educador. Rau, Romanowski e Martins (2005) destacam que um dos principais problemas dos cursos de formação é a falta de acepção do perfil profissional desejado. Esse fato se reflete em um currículo fragmentado, descontextualizado da prática pedagógica, que não considera as especificidades da educação básica. Miaret (1991) complementa essa análise estabelecendo a relação entre o ensino, a formação acadêmica e a formação pedagógica do educador, afirmando que "a prática na aula deve ser esclarecida pelos princípios teóricos e melhorada pelos resultados da investigação. A teoria pedagógica só pode erguer-se a partir de uma prática conhecida e refletida" (MIACARET, 1991, p.12).

As reflexões dos autores sinalizam para a necessidade de repensar a estrutura dos cursos de formação para educadores. Defendem, em particular, a ampliação da compreensão do uso das diferentes metodologias que devem ser utilizadas em cada etapa/modalidade de ensino. Para os autores, o educador precisa conhecer de forma clara as razões porque deve ou não adotar determinado recurso pedagógico, pois desta forma conseguirá adaptar-se às demandas do cotidiano escolar. E não seguirá a postura de paralisia diante das dificuldades encontradas em sala de aula, como foi adotado pela professora “B”.

Ressaltamos que a postura da professora “B” é cada vez mais comum nas escolas. Os professores geralmente não admitem o seu desconhecimento em relação a uma prática pedagógica ou quando o fazem preferem não buscar caminhos para se apropriar de um determinado conhecimento.

Categoria 2: as estratégias lúdico-pedagógicas planejadas e realizadas pelas professoras que atuam no primeiro e segundo anos do ensino

fundamental – a elaboração de um bom planejamento é importante para a realização de qualquer atividade exitosa. Pois ele é algo que precisa ser despertado em todos os envolvidos no processo educacional, já que planejar é o trabalho de preparação para que os objetivos sejam alcançados.

Assim, é considerado ideal o planejamento que envolve as pessoas como sujeitos, a partir de sua elaboração, e com a presença constante na execução e na avaliação não apenas como indivíduos, mas como sujeitos de um processo que os envolve como grupo. Sob essa ótica, Vianna (1986) insiste na perspectiva do homem como ser social que partilha vivências e que busca realização pessoal na participação comunitária. E assim propõe:

Uma nova forma de ação, cuja força reside na participação de muitas pessoas, politicamente agindo em função de necessidades, interesses e objetivos comuns. Um planejamento flexível, adaptado a cada situação específica que envolva decisões comunitárias e que se constitua em processo político vinculado a decisão da maioria. Um planejamento que tenha por objetivo final a formação do brasileiro, individual e socialmente considerada, a partir do engajamento da maioria para mudanças estruturais (Op. cit. p. 18).

As entrevistadas quando indagadas sobre como planejavam e realizavam as atividades lúdicas na sua prática pedagógica e o tempo destinado a essas atividades, responderam:

A: a gente planeja antes e prepara o material necessário, objetivando os avanços e conhecimento que a gente quer alcançar com os alunos. Antes de iniciar se explica as regras e discute a possibilidade de novas regras. Não só as regras, mas também o jogo ou a brincadeira. [...] Também costumo consultar livros variados, consultar as colegas e trocar materiais, etc. A coordenação pedagógica da escola nos forneceu materiais e nos cursos de formação do PACTO [Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa] também as nossas formadoras nos forneceram materiais para trabalhar o lúdico.

B: Eu ainda não incluí o lúdico no meu plano, a coordenadora sempre fala para trabalhar com o lúdico e que na escola tem bastante material, mas ainda nem procurei conhecê-lo. Eu costumo consultar livros variados, consultar a coordenadora. Ela sempre nos forneceu muitos materiais e tem os cursos de formação do PACTO, mas não participei.

Percebemos que não são todos os professores que estão engajados no processo de mudança de sua prática pedagógica, temos como exemplo a professora “B”, que prefere trabalhar em sala de aula sem o uso do lúdico, porque considera menos trabalhoso. Tal fato traz como consequência a repetição em sala de aula de práticas pedagógicas muitas vezes desinteressantes para os alunos, assim como o

desânimo deles em frequentar a escola.

Diante as respostas apresentadas, é fundamental ressaltar que o trabalho com o lúdico na efetivação da aprendizagem só ocorrerá quando o educador e toda a comunidade escolar valorizar o brincar, o jogo como elemento importante no processo de aprendizagem; equilibrar o brinquedo diretivo e espontâneo; observar o brinquedo para conhecer melhor as crianças e para avaliar até que ponto a atividade proposta está oferecendo prazer à criança.

Destacamos também que o trabalho em sala de aula deve ser o mais lúdico possível, pois é por meio de brincadeiras que as crianças descobrem o mundo, à sua maneira. Pois, como expõem as Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as crianças precisam de um ambiente que estimule o seu potencial criativo, com ações que priorizem o brincar ou as aprendizagens específicas. De acordo com esse documento:

Pela oportunidade de vivenciar brincadeiras imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a resolução de problemas que lhes são importantes e significativos. Propiciando a brincadeira, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos (BRASIL, 1998, p. 54).

Sendo assim, o que atualmente se percebe em relação ao jogo no contexto escolar é que experiências explicitadas pelos professores sobre o lúdico como recreação, revelam a visão do lúdico apenas como diversão, o que depaupera as possibilidades de intervenção no processo ensino – aprendizagem das crianças.

Os estudos de Friedmann e Kishimoto (1996) apontam que, nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuem em conceitos gerais com os quais brincam. Nesse sentido, a imitação é um aspecto importante que possibilita a aprendizagem de diferentes situações. Quando imita, a criança organiza o pensamento, utiliza a memória e exercita formas de agir. Ela resignifica objetos e emoções, transpondo-os para aprendizagens cognitivas mais elaboradas, exercita a linguagem, adquirindo e ampliando o vocabulário.

Os autores destacam que o brinquedo na infância proporciona à criança viver a idade do possível, na qual se pode projetar uma imagem de inocência, pois a infância expressa no brinquedo contém o mundo real, com seus valores, modos de

pensar e agir e o imaginário do criador do objeto. Kishimoto (1999, p. 50) ainda esclarece que “cabe aos professores fazer uma reflexão sobre a concepção de brincar, sobre o brincar como lazer e sobre a relação entre o adulto e sua ludicidade”. Tal reflexão pode ser aprofundada à medida que o educador for buscando o conhecimento sobre a área do lúdico.

Em relação aos recursos pedagógicos que contribuem para o processo de ensino-aprendizagem das crianças, as professoras entrevistadas citaram os jogos e o livro didático como os instrumentos mais utilizados em suas aulas. Para a professora “B”, os elementos primordiais de sua prática são: o livro e o dever de casa (atividades mimeografadas). Não desconsideramos a importância desses recursos, contudo as ações pedagógicas não devem ser limitadas a esses instrumentos.

Essas concepções refletem a prática pedagógica das professoras, como podemos observar nas suas colocações.

A: A gente conversa sobre se eles já conhecem ou não a brincadeira ou o jogo, se eles conhecem com outro nome, o que se espera com o jogo ou a brincadeira, etc. E procura fazer com que as crianças participem com entusiasmo das atividades. [...] É interessante, no meu ponto de vista, que se trabalhe o lúdico se possível, todos os dias. Nem que seja 15 minutos do tempo da aula e deve ser de prazer e contentamento.

B: Não trabalho de forma lúdica, as crianças pedem para brincar, mas como tenho muitos alunos, tenho medo que eles machuquem, nem na quadra eu levei este ano. É interessante, no meu ponto de vista, que se trabalhe com o lúdico se possível, mas ainda não organizei para trabalhar dessa forma.

Em face das respostas apresentadas, percebemos a necessidade de o educador ficar atento às dificuldades dos alunos, mas principalmente as suas próprias dificuldades de trabalhar de forma dinâmica e prazerosa para os alunos. Maranhão (2007, p. 84) destaca:

O ambiente de uma sala de aula voltada para o desenvolvimento das múltiplas inteligências, para o lúdico é um ambiente saudável e alegre. A sala é um atrativo, adequada aos interesses das crianças e dos adolescentes, onde eles encontram lugares próprios para registrarem suas informações, para expor seus trabalhos. Mediante o exposto acima, o professor deve proporcionar um ambiente que desenvolva as possibilidades criativas de seus alunos utilizando todas as formas possíveis para dar oportunidades e buscar melhoria na aprendizagem.

O ambiente descrito pelo autor não é identificado na sua totalidade na instituição pesquisada. Pois as professoras adotam posturas distintas em relação à

prática educativa. Enquanto a professora “A” busca criar um ambiente de resgate do brincar, a professora “B” não emprega o uso do lúdico em suas aulas.

Categoria 3: a contribuição do lúdico para o processo de ensino-aprendizagem – os depoimentos das professoras revelam que o lúdico contribui para uma aprendizagem mais constitutiva e significativa da criança em seu processo de ensino aprendizagem. Entretanto, a forma como esse recurso pedagógico é utilizado evidencia uma prática que precisa ser rediscutida entre os agentes educativos da escola pesquisada.

Friedmann (1986), ao analisar o uso do lúdico nas instituições de ensino, revela que, muitas vezes, as atividades desenvolvidas na escola acontecem de forma fragmentada: “uma hora para o trabalho com a coordenação motora, outra para a expressão plástica, outra para o brincar orientado pelo professor e assim por diante” (FRIEDMANN, 1986, p. 20). Essa fragmentação das atividades mostra que o lúdico ainda não é compreendido como recurso pedagógico que pode auxiliar na formação integral das crianças e do acolhimento de suas necessidades.

Ao pensar em atividades significativas que respondam às necessidades das crianças de forma integrada, articula-se a realidade sociocultural do educando ao processo de construção de conhecimento, valorizando o acesso aos conhecimentos do mundo físico e social, já que hoje o desafio é o de prender a atenção do aluno, que vive circundado pela mídia e por uma variedade de recursos tecnológicos. Assim sendo, o papel do professor tornou-se muito mais complexo, pois além de trabalhar com alguns saberes, como no passado, ele ainda precisa incluir os avanços tecnológicos em sua prática educativa.

De acordo com as professoras participantes da pesquisa, os alunos recebem bem as atividades lúdicas propostas:

A: Que as atividades são muito bem aceitas pelos alunos, é raro quando alguma não agrada a todos, mas a maioria participa com muito entusiasmo.

B: Ao realizar uma atividade lúdico-pedagógica, a gente pode encontrar algumas dificuldades, se as regras não forem esclarecidas e discutidas antes ou se as crianças não entenderem o que se pretende com a atividade, jogo ou brincadeira. [...] As atividades lúdicas são muito bem aceitas pelos alunos, eu sei que eles gostam, mas não tentei utilizar essa prática.[...] Ao realizar uma atividade lúdico-pedagógica a gente pode encontrar algumas dificuldades das crianças não quererem estudar e ficar só querendo brincar.

Observamos, portanto, que a motivação dos alunos não é considerada no momento da elaboração das práticas pedagógicas. Esse dado demonstra que as atividades realizadas na escola valorizam mais os interesses dos professores do que os dos alunos.

Ressaltamos que a educação é um processo historicamente construído, e nesse contexto o educador possui o papel de estimular o educando a buscar sua identidade e a atuar de forma crítica e reflexiva na sociedade.

Freire (1996), que estudou profundamente a prática docente, faz uma reflexão sobre os saberes necessários à prática educativo-crítica, ressaltando que a autonomia faz parte da própria natureza educacional e sem ela não há ensino nem aprendizagem.

E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e de alegria. [...] É digno de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. (FREIRE, 1996, p. 161).

Dessa forma, a ludicidade precisa ser vista como algo imprescindível à necessidade do ser humano, que facilita os processos de socialização, expressão e construção do conhecimento. Apesar do lúdico ainda não fazer parte do currículo dos cursos de formação dos professores, os estudos sobre aprendizagem têm afirmado ser a ludicidade a alavanca da educação para o terceiro milênio.

3.2.2 Percepções da Coordenadora e da Vice-Diretora sobre a Prática do Lúdico para a Aprendizagem

Foram realizadas entrevistas com a coordenadora e a vice diretora sobre a importância do lúdico como prática de ensino. A partir das respostas delas, foi feita a análise sobre a visão de cada uma, destacando os limites/barreiras do trabalho com o lúdico em sala de aula enfrentado pelos professores. Deste modo, apresentamos, aqui, uma síntese de tudo que foi identificado nas entrevistas.

As depoentes responderam que a maior dificuldade enfrentada pelos professores é inserir em seu planejamento um jogo que atenda às reais necessidades dos alunos, de forma proveitosa e significativa para todos.

No que diz respeito à forma como o lúdico contribui para o processo

ensino-aprendizagem, responderam que isso acontece criando espaço e oportunidade para que os educandos expressem suas concepções, gerem novas ideias, antevejam mudanças em seu comportamento.

Quando questionadas sobre como as atividades lúdicas são discutidas no cotidiano escolar, disseram: “com flexibilidade, para atuar entre o individual e o coletivo, como ouvir e respeitar a individualidade e o trabalho em grupo”.

3.3 DIÁRIO DE CAMPO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES

As observações foram realizadas em dois momentos. No primeiro, procuramos observar as atividades lúdicas pedagógicas realizadas pelas professoras em uma turma de segundo ano do ensino fundamental; no segundo, observamos uma turma de primeiro ano. As observações tiveram o objetivo de entender e compreender a prática de ensino e as relações das atividades propostas em sala de aula. Para o registro das observações utilizamos o Diário de Campo.

3.3.1 Observações da Sala de Aula – Turma de Segundo Ano do Ensino Fundamental

A aula observada aconteceu em uma turma de segundo ano, composta por 30 alunos: 14 meninas e 16 meninos. Os alunos foram receptivos e colaboram com a observação, sendo carinhosos, agindo educadamente e participando da aula sem nenhum constrangimento. A observação iniciou-se às 7h30 e encerrou-se às 11h30. A aula teve início com a professora fazendo a minha apresentação à turma. Em seguida, ela começou a aula com uma oração e cantou uma música com os alunos. Na sequência, a professora registrou no quadro uma atividade e solicitou aos alunos a cópia do exercício no caderno e explicou como seria feita a correção dessa atividade. Contudo, após a explanação inicial da atividade, a professora sentou-se perto da mesa e não deu atenção à turma, apenas registrou a presença dos alunos no diário de frequência. Em seguida, foi à lousa fazer a correção do exercício.

Depois, os alunos foram para o lanche. Quando retornaram à sala, começaram a fazer um ditado de palavras. Nesse momento, verificamos que algumas crianças sentiam dificuldades em escrever as palavras. Em seguida, a professora fez a correção do ditado no quadro e, depois da correção, anotou no quadro uma

atividade de língua portuguesa para casa.

Observamos que a professora faz uso do método tradicional de ensinar, sem dar oportunidade aos alunos para manifestarem seus conhecimentos e desejos.

A escola possui vários tipos de jogos, tais como xadrez, ábaco, material dourado, jogo da memória, quebra-cabeça, dominó, dominó de adição, tangran, bloco lógico, jogos de número, alfabeto móvel, loto aritmética, fantoches e jogos de alfabetização. Segundo relatos da coordenadora pedagógica, esse material é importante para o desenvolvimento dos alunos, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. Entretanto, esses jogos são poucos utilizados pelos professores na escola. Acreditamos que os educadores estão cientes da importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras, mas, muitas vezes, têm dificuldade em desenvolver uma metodologia lúdica no contexto escolar.

O lúdico é um dos principais recursos pedagógicos do profissional da educação, e é imprescindível que o educador seja persistente e busque uma metodologia lúdica que proporcione às crianças vivências significativas em sala de aula. Segundo Piaget (*apud* DAVIS; OLIVEIRA, 1990, p. 37).

O jogo, por ser livre de pressões e avaliações cria um clima de liberdade, propício à aprendizagem e estimulando a moralidade, o interesse, a descoberta e a reflexão, propiciando o êxito através da experiência, pois é significativo e possibilita a autodescoberta, a assimilação e a integração com o mundo por meio de relações e de vivências.

Dessa forma, o educador deve buscar evidenciar os sentidos que as crianças constroem sobre atividades lúdicas, em um permanente processo dialógico no cotidiano de sala de aula, em que serão estimuladas a pensar, a falar e interagir um com o outro. Além do mais, é a partir dessas observações que se criam condições para a interação menos conflitante entre professor/aluno, tornando-se prazerosa para ambos. O educador ao participar com a criança da construção do conhecimento deve considerá-la um ser ativo, possuidor de vontades, perceber e identificar seus objetivos, a forma particular nas interações e brincadeiras com as outras crianças.

3.3.2 Observações da Sala de Aula – Turma de Primeiro Ano do Ensino Fundamental

A observação buscou conhecer a organização dos alunos em sala de aula

e o desenvolvimento das atividades propostas pela professora. A aula observada aconteceu em 20 de novembro em uma turma de primeiro ano. A turma era composta com 26 alunos: 14 meninas e 12 meninos, com faixa etária entre seis e sete anos de idade. A observação aconteceu das 13h às 17h.

Como era um dia comemorativo, a professora abordou sobre a importância do Dia da Consciência Negra. Em seguida, projetou o filme *Kiriku e a Feiticeira*, e contou a história da *Menina Bonita do Laço de Fita*.

Antes de iniciar o filme, a docente apresentou as considerações gerais do filme explicando sobre o herói negro e sua luta pelos direitos; as crianças ficaram interessadas fizeram várias perguntas sobre o personagem do filme.

A professora também cantou a música *Negro Nagô* e fez uma explanação sobre a valorização da cultura negra para a nossa sociedade, explicando sobre as músicas, danças e comidas típicas. Ela também dançou com os alunos, utilizou a TV, DVD, CD, papel sulfite, lápis de cor para fazer a interpretação do filme.

Quanto aos alunos, nem todos deram a devida atenção ao filme, já outros ficaram bastante comovidos com as cenas, fizeram a reprodução desenhada e escreveram algumas frases sobre o que mais gostaram e comentavam uns com os outros a respeito do filme. No final, pediram à professora que trouxesse outros filmes para serem projetados em suas aulas.

3.4 ANÁLISE DAS OBSERVAÇÕES

A observação evidenciou a importância da ludicidade no processo de ensino-aprendizagem, introduzindo aspectos como o prazer de aprender, estímulo à capacidade de ação ativa e motivadora das crianças, acesso e ampliação de tipos distintos de conhecimento e habilidades.

Entretanto, percebemos também pelas entrevistas e pela observação que há uma grande contradição no que afirmam os professores e os dirigentes da escola pesquisada. Para os professores, a ludicidade é pouco utilizada nas aulas. Enquanto os gestores da escola afirmam que os professores inserem em seus planejamentos essa prática. Esse dado demonstra que não existe entre os profissionais da instituição uma discussão mais ampla do processo educativo, em particular do próprio cotidiano escolar.

Notamos, assim, a necessidade de criar na instituição espaços de diálogo sobre o processo ensino-aprendizagem. Acreditamos que um caminho a ser seguido é o debate sobre o PPP da escola. Pois, desta forma, podem ser reavaliadas e reconstruídas as concepções de educação e ludicidade. Mas para que isso aconteça de forma efetiva, é necessário que todos os envolvidos nesse processo estejam abertos à mudança e dispostos a desenvolver um trabalho voltado para os alunos.

É importante ter clara a distinção entre ensino e aprendizagem. Aquele que ensina planeja, faz escolhas, prepara propostas de ação; enquanto que aquele que aprende deve estabelecer relações criativas com os conteúdos tratados, envolver-se com o trabalho, questionando-se, construindo novos significados e representações.

As rápidas e intensas mudanças sociais e tecnológicas verificadas no mundo atual obrigam os professores a contemplarem, nas propostas de trabalho, a construção de um conhecimento que permita ao aluno saber resolver problemas, desenvolver estratégias para continuar aprendendo ao longo da vida, pensar criticamente. Portanto, a concepção de ensino-aprendizagem reflete-se na forma como se conduzem as atividades escolares e nas intervenções no convívio diário.

A concepção de aprendizagem que embasa esta discussão pressupõe que o conhecimento não é concebido como uma cópia do real e incorporado diretamente pelo sujeito, mas uma atividade por parte de quem aprende, que organiza e integra os novos conhecimentos já existentes, e o modelo de ensino relacionado a essa concepção de aprendizagem é o da resolução de problemas. Compreende intervenções pedagógicas de natureza própria, reconhece o papel da ação do aprendiz, a especificidade da aprendizagem de cada conteúdo e pressupõe situações didáticas em que o aluno precisa pôr em jogo tudo o que sabe, no esforço de realizar a tarefa proposta, para aprender o que não sabe.

A aula que tem o lúdico como um dos recursos para a aprendizagem é uma aula mais prazerosa, porque o lúdico é [...]

[...] um recurso metodológico capaz de propiciar uma aprendizagem espontânea e natural. Estimula a crítica, a criatividade, a socialização, sendo portanto reconhecidos como uma das atividades mais significativa – senão a mais significativa – pelo seu conteúdo pedagógico social (OLIVEIRA, 1985, p. 74).

Entretanto, para que as atividades lúdicas atinjam os aspectos descritos pelo autor, é necessário um planejamento cuidadoso que considere o perfil dos

alunos, os recursos pedagógicos que serão utilizados e o espaço destinado à atividade. Na instituição pesquisada, atividades como a projeção do filme, utilizada pela professora da turma do primeiro ano do ensino fundamental não conseguiu atrair a atenção de todas as crianças. Esse dado mostra como é importante a escolha cuidadosa dos materiais pedagógicos que serão utilizados em sala de aula.

Salomão, Martini e Jordão (2007) ao analisarem a questão sublinham que a escolha dos materiais usados em sala de aula podem ser feitas por professores e alunos. Acrescenta ainda que, esse é um recurso que possibilita dar voz as crianças. “Disponibilizar os mais diversos produtos escolares em situações de escolha livre, como aquelas situações que ocorrem nas creches, em que os agentes educativos disponibilizam brinquedos para as crianças livremente” (SANTOS, 1996; MARTINEZ, 1990 *apud* SALOMÃO; MARTINI; JORDÃO, 2007, p. 4).

Nessa estratégia pedagógica, o professor torna-se um observador do que ocorre com o comportamento das crianças, registrando as escolhas realizadas por elas. É um momento de conhecer as preferências, necessidades e anseios das crianças. Após esse momento, cabe ao professor planejar atividades que ampliem a esfera de conhecimento dos alunos.

A inclusão de atividades lúdicas na prática pedagógica pode contribuir para o desenvolvimento de inúmeras aprendizagens. Contudo, é necessário que o professor fique atento ao papel que ele desempenha no momento de auxiliar o aluno nessas atividades. A esse respeito, Skinner (1972, p.136), explica que o professor, “deve induzir o aluno a agir, mas deve ser cuidadoso em como fazê-lo porque fazê-lo agir em uma dada ocasião pode interferir na probabilidade que aja da mesma maneira no futuro”. Deste modo, o autor enfatiza a necessidade de o educador controlar o que faz em sala de aula.

A atividade lúdica pode ser aplicada em diferentes faixas etárias, entretanto é fundamental observar os procedimentos organizacionais e estratégicos adequados às necessidades específicas das faixas etárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o lúdico nas concepções e práticas das professoras de uma escola municipal que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, assim como promover uma reflexão no campo educacional sobre os usos da ludicidade nessa etapa/modalidade de ensino.

Ao investigar e refletir sobre esse tema, compreendemos a importância do diálogo entre a teoria e a pesquisa. Em especial, o papel que a pesquisa desempenha na formação de educadores mais “sensíveis” para olhar a realidade escolar e também mais críticos.

No presente estudo observamos a importância de as professoras estudarem sobre os jogos, brincadeiras, brinquedos entre outras atividades lúdicas, para que o lúdico não seja utilizado somente como recreação ou ocupação do tempo, mas como recurso pedagógico do ensino e da aprendizagem.

Foram identificadas contradições no que diz respeito à relação teoria e prática sobre o uso lúdico na instituição pesquisada. Tais contradições apontam que o docente reconhece a importância do lúdico para aprendizagem. Entretanto faltam conhecimentos teóricos sobre a origem, princípios básicos do assunto, classificação dos jogos e utilização do recurso pedagógico para determinada idade e interesse das crianças.

Os estudos que serviram de suporte teórico-metodológico para esta pesquisa apontam que o lúdico possui um papel fundamental no desenvolvimento físico-motor da criança. Principalmente na atualidade, em que o tempo para brincar é substituído por atividades diversas como natação, estudo de línguas estrangeiras, aulas de reforço para aprender um determinado conteúdo de uma disciplina, etc.

Ressaltamos que a ludicidade educativa propicia à criança a reflexão sobre problemas sociopolíticos, tais como ecologia, saúde, relações sociais, preconceito, inclusão e exclusão, distribuição de renda, etc. proporcionando a estes estudantes a compreensão da realidade social.

A proposta do lúdico é promover um aprendizado significativo na prática educacional, contudo para que esse objetivo seja alcançado é necessário que os professores compreendam como podem empregar esse recurso nos anos iniciais do

ensino fundamental.

Brincar é uma necessidade humana que promove mudanças expressivas na formação do sujeito. Como diz o poeta Carlos Drummond de Andrade: “Brincar não é perder tempo, é ganhá-lo. É triste ter meninos sem escola, mas é mais triste vê-los enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação humana”.

PARTE 3

PERSPECTIVAS FUTURAS

Tocando em Frente
Almir Sater

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Hoje me sinto mais forte,
Mais feliz, quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei,
Ou nada sei
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Todo mundo ama um dia,
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
E no outro vai embora
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz
Conhecer as manhas
E as manhãs
O sabor das massas
E das maçãs
É preciso amor
Pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir
Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso

**Porque já chorei demais
Cada um de nós compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz**

Essa música é significativa para a minha vida pessoal e profissional, porque a letra retrata os momentos de dificuldades que vivi, como também as alegrias. A música foi também fonte de inspiração para sonhar e buscar novos caminhos nesse período de estudos do curso de Pedagogia.

Pretendo continuar a minha formação como educadora, fazendo cursos de formação em alfabetização e letramento e uma pós-graduação voltada para área da educação infantil ou psicopedagogia. Acredito que esses cursos contribuirão com as aprendizagens adquiridas no curso de Pedagogia.

Nessa nova caminhada que vou trilhar almejo construir uma prática educativa que esteja em consonância com os desafios encontrados no dia a dia do cotidiano escolar, edificando ações pedagógicas mais prazerosas na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana C. P. C. de; SHIGUNOV, Viktor. A atividade lúdica infantil e suas possibilidades. In: **Revista da Educação Física**. Maringá, v. 11. n. 1, 2000.

AQUINO, Júlio R. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, Júlio R. G. (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução: Marcos Vinícius Mazzari, São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 dez. 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referências Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNEIs)**, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROUGÉRE, Gilles. **Brinquedo e a cultura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

CARDIA, Joyce Aparecida P. A importância da presença do lúdico e da brincadeira nas séries iniciais: um relato de pesquisa. **Revista Eletrônica de Educação**, ano V. n. 9, jul./dez. 2011.

CHÂTEAU, Jan. **O jogo e a criança**. Tradução Guido de Almeida. São Paulo: Summus, 1987.

DANTAS, Heloysa. Brincar e trabalhar. In: Kishimoto, Tizuko M. (Org.). **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Thomson, 2002.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4. ed. São Paulo: Abrinq, 1996.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo, Pioneira, 1998.

_____. **O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. _____. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Epu, 1986.

MARANHÃO, Diva N. M. M. **Ensinar brincando: a aprendizagem pode ser uma grande brincadeira**. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

MIACARET, Gaston. **A formação de professores**. Coimbra: Semeclina, 1991.

MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

OLIVEIRA, Vitor M. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1964.

_____. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PRETI, Oreste (Org.). **Educação a distância: início e indícios de um percurso**. Cuiabá: UFMT, 1996.

RAU, Maria Cristina T. D. **A ludicidade na educação: uma atitude pedagógica**. Curitiba: Ibplex, 2007.

_____.; ROMANOWSKI, Joana P.; MARTINS, Lúcia O. **O lúdico na formação dos professores do ensino fundamental e da educação infantil**. 2005. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TC/CI054.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

ROSAMILHA, Nelson. **Psicologia do jogo e aprendizagem infantil**. São Paulo: Pioneira, 1979.

SALOMÃO, Hérica Aparecida S.; MARTINI, Marilaine; JORDÃO, Ana Paula M. **A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado**. 2007. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0358.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

SANTOS, Santa Marli P. dos. **O lúdico na formação do professor**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SKINNER, Frederic. **Tecnologia do ensino**. São Paulo: EPU, 1972. [Edição original de 1968].

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma P. A. Projeto político-pedagógico: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma P. A. (Org.) **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 15. ed. Campinas: Papirus, 2002.

VIANNA, Ilca O. de A. **Planejamento participativo na escola**: um desafio ao educador. São Paulo: EPU, 1986.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

APÊNDICE – Roteiros para Entrevista

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Pedagogia a distância

Venho por meio deste, solicitar de Vossa Senhoria a colaboração para participar, como voluntária, de uma entrevista em forma de questionário contendo questões relacionadas às Práticas pedagógicas e o lúdico no 1º e 2º ano do ensino fundamental. Para elaboração do Projeto V – Fase II – Orientação do TCC – 2º 2012.

Grata pela compreensão.

Roteiro de Entrevista

Data da entrevista:

Nome do (a) Entrevistado (a): _____

Sexo: _____ Idade: ____/____/____

Nível de Escolaridade: _____

Natural _____ de:

_____ Estado: _____

Tempo de exercício na docência:

Bloco I: As concepções das professoras sobre o ensinar e aprender

1.1 O que significa ensinar para você?

1.2 Na sua visão quais os elementos pedagógicos que contribuem para o processo de ensino aprendizagem das crianças?

1.3 Em sua opinião, o lúdico contribui para o processo ensino aprendizagem? Por quê?

Bloco II: As estratégias lúdico-pedagógicas planejadas e realizadas pelas professoras que atuam no 3º e 4º anos do Ensino Fundamental

2.1 Como as atividades lúdicas são planejadas e realizadas na sua prática pedagógica?

2.2 Quais as fontes de pesquisa que você utiliza para elaborar suas atividades pedagógicas?

2.3 Como você desenvolve as atividades lúdicas com os alunos?

2.4 Qual o tempo destinado as atividades lúdico-pedagógicas para as crianças?

Bloco III: Participação dos alunos nas atividades lúdicas desenvolvidas pelas professoras

3.1 Qual a receptividade dos alunos quando você realiza uma atividade lúdico-pedagógica?

3.2 Quais as atividades lúdicas que as crianças mais gostam?

3.3 Quais as dificuldades enfrentadas quando você realiza uma atividade lúdico-pedagógica?

Roteiro para Entrevista II

Coordenador (a) Pedagógico (a)

Nome da Entrevistada: _____

Sexo: _____ **Idade:** ____ / ____ / _____

Nível de Escolaridade: _____

Natural _____ **de:** _____

_____ **Estado:** _____

Tempo _____ **de** _____ **exercício** _____ **na** _____ **docência:** _____

1 – De que forma, os professores do 1º e 2º ano ensino fundamental desenvolvem as atividades lúdicas na Escola Municipal José Rodrigues de Brito?

2- O lúdico compreende atividades que incluem jogos e brincadeiras buscando despertar o gosto pelo aprender. Na sua visão, quais os conteúdos necessários para contribuir com esse conhecimento?

3 – Na sua concepção, quais as atividades dirigidas e orientadas que possuem finalidades pedagógicas?

4 – Quais dificuldades enfrentadas quando se desenvolve algum tipo de jogo com os alunos em sala de aula?

5 – Em sua opinião, as atividades lúdicas contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança?

Roteiro de Entrevista Gestor

Data da Entrevista:

Nome da Entrevistada: _____

Sexo: _____ **Idade:** ____/____/____

Nível de Escolaridade: _____

Natural _____ **de:**

_____ **Estado:** _____

Tempo _____ **de** _____ **exercício** _____ **na** _____ **docência:**

1 – A escola, em sua estrutura física e pedagógica, oferece suporte necessário para se trabalhar com jogos pedagógicos?

2-De que forma o lúdico contribui para o processo ensino aprendizagem?

3- As atividades lúdicas são discutidas no cotidiano da escola?

4- Como as atividades lúdicas são planejadas e realizadas na prática pedagógica?

5 - Quais aspectos inerentes ao educando, a metodologia precisaria considerar?

Precisa reformular a pergunta, não ficou clara